

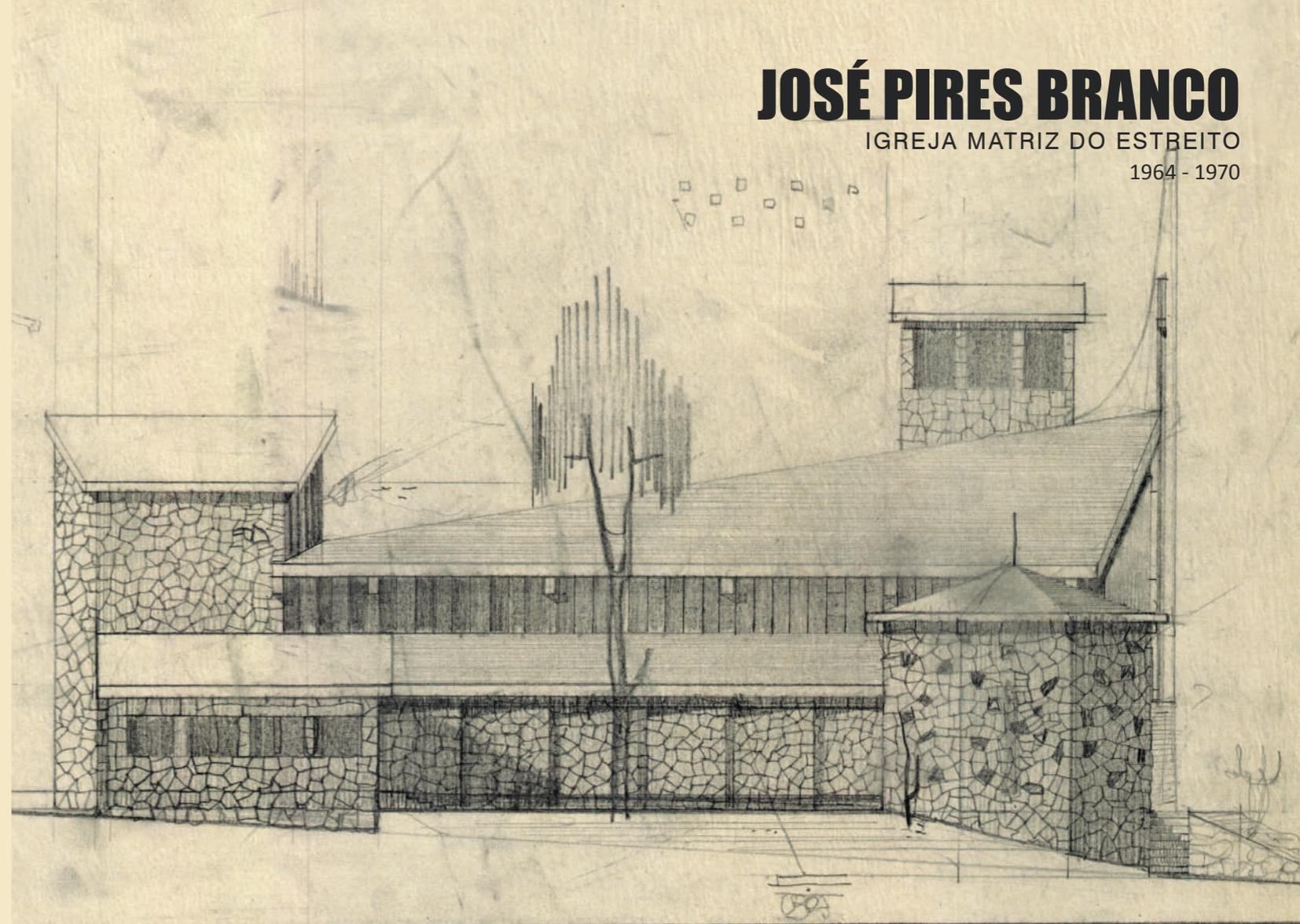
JOSÉ PIRES BRANCO

IGREJA MATRIZ DO ESTREITO 1964 - 1970

JOSÉ PIRES BRANCO

IGREJA MATRIZ DO ESTREITO

1964 - 1970





JOSÉ PIRES BRANCO

Igreja Matriz do Estreito

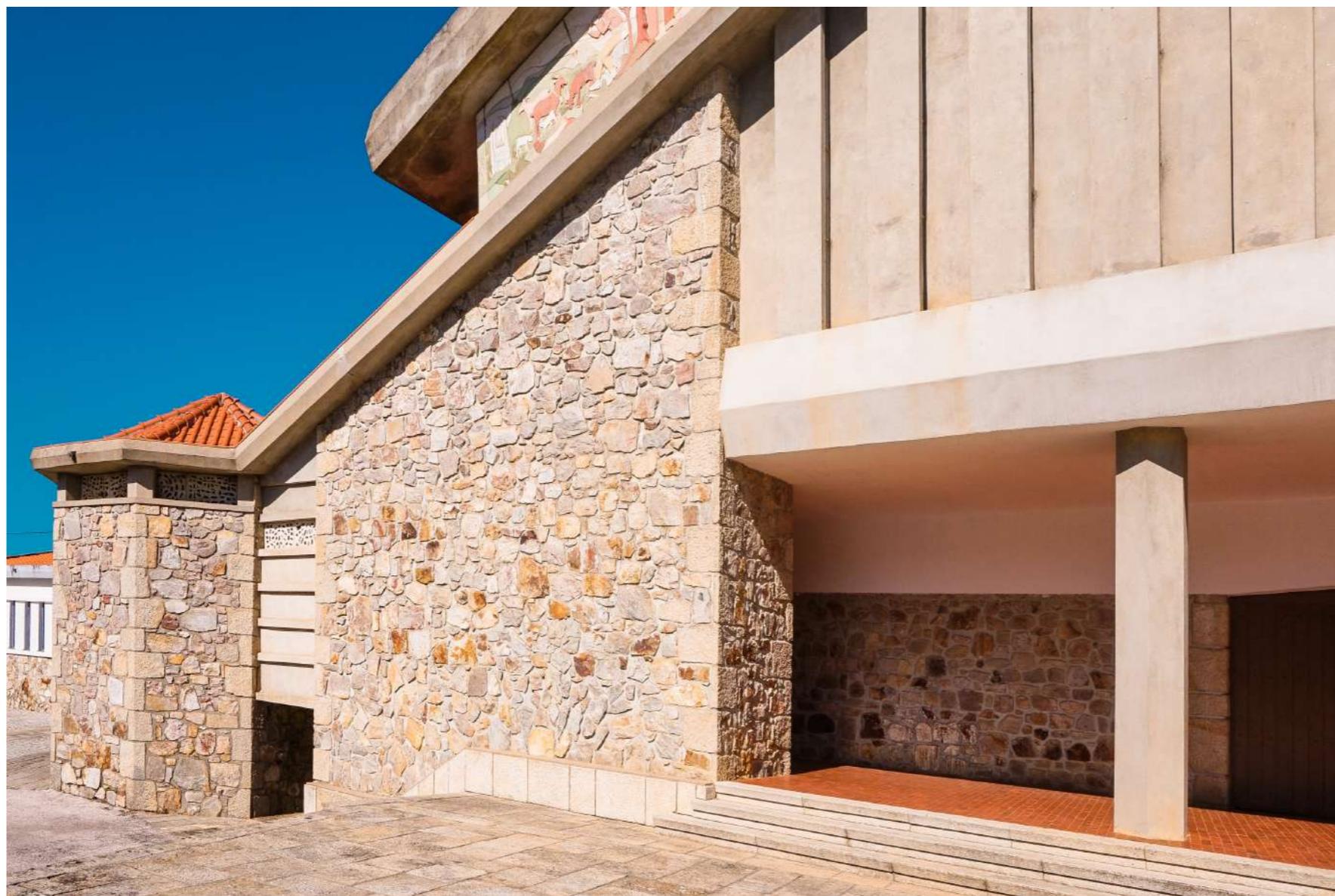
1964 - 1970



Igreja Matriz do Estreito

ÍNDICE

- 4 **INTRODUÇÃO**
Modernismo e arquitectura religiosa
Romper na continuidade
- 9 **UMA IGREJA, UM PROCESSO**
Entrevista a José Pires Branco
- 21 **IGREJA MATRIZ DO ESTREITO**
Leitura do projecto no seu tempo 23
- 25 Desenhos 27
- 61 Desenhos técnicos 63
- 73 Fotografias 75
- 78 **BIOGRAFIA E LISTAGEM DE PROJECTOS**



Igreja Matriz do Estreito

leitura do projecto no seu tempo

Igreja Matriz do Estreito

LEITURA DO PROJECTO NO SEU TEMPO

A investigação recente no campo da história da arquitectura portuguesa vem-nos revelando um conjunto de obras às quais não podemos ficar indiferentes. São obras que mostram que a conquista da modernidade se estendeu a todo o território nacional e que a experimentação de novos modos de habitar - e, no caso desta igreja, novos modos de celebrar a fé e de a representar no espaço público - também tiveram expressão no interior do país.

O projecto de arquitectura de José Pires Branco para a nova igreja do Estreito recua ao início da década de 1960 ainda que a igreja só tenha sido inaugurada em Outubro de 1970. À semelhança de outras aldeias do interior do país a antiga e modesta igreja daria lugar à edificação de uma nova e moderna igreja matriz, que reflectia o entusiasmo com estava a ser vivida a renovação religiosa naquela década no interior do País, fazendo eco do espírito celebrado no Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965).

No que toca à renovação da arte e arquitectura religiosa recorde-se a importância da percursora igreja de Águas (Penamacor) projectada por Nuno Teotónio Pereira, a partir do final da década de 1940. Esta obra, sagrada em 1957, tornar-se-ia símbolo e referência de todo um movimento de renovação artística moderna. Para tal, muito terá contribuído a sua publicação na revista *Arquitectura* (Out.1957). As duas obras seleccionadas por Nuno Portas, igreja de Águas, e a de Santo António idealizada por João de Almeida e António Freitas Leal, eram exemplo da conquista da modernidade nas periferias, fossem elas à portas da capital, em Moscavide, ou numa esquecida povoação da Beira Baixa. Em ambas as obras podemos ler a clara influência de experiências suíças de então, que seriam referências incontornáveis no seio do Movimento de Renovação de Arte Religiosa (MRAR) a partir da primeira metade da década de 1950 até ao final da década seguinte.

Se hoje é unânime a importância das obras levadas a cabo pelos membros mais activos do MRAR de Lisboa e Porto, cujo valor é reconhecido pela nossa historiografia, há que considerar hoje também outros percursos individuais assim como outros pólos de renovação. Atente-se neste contexto, dada a proximidade geográfica, à dinâmica de renovação artística vivida no Seminário do Fundão e registada no livro *Arte Moderna e Arte da Igreja - critérios para julgar e normas de construção (1959)* pelas fotografias de Manuel Mendes Atanásio, então padre da diocese da Guarda e autor do livro publicado pelo Ministério das Obras Públicas.

A nova igreja do Estreito, com 500 lugares sentados, foi pensada para uma população que então somava mais de 2000 habitantes em toda a freguesia - mais do dobro da população actual. Contrariamente à antiga igreja dedicada a S. João Baptista, localizada no antigo aglomerado, a nova matriz seria erguida à margem da povoação, junto à estrada que liga Castelo Branco a Oleiros. De certo modo esta implantação proposta conduziria ao desenho de uma nova centralidade e nova zona de expansão.

No centro da povoação, no lugar outrora ocupado pela igreja, resta hoje apenas a branca torre sineira envolta por um amplo largo resultante da demolição. Uma larga avenida parte do largo e estabelece ligação com a estrada e o novo complexo paroquial, implantado perpendicularmente a esta.

Das diferentes propostas documentadas no processo de trabalho relevamos a constância de algumas soluções de projecto: o recuo da fachada face à estrada permitindo a criação de um generoso estacionamento e adro, a criação de um espaço de acolhimento exterior elevado, a pronunciada cobertura de duas águas ladeada pelo baptistério e torre sineira, e a presença de uma cruz monumental em betão no centro da fachada principal reforçando a natureza religiosa do edifício. Dificuldades económicas e construtivas ditariam o abandono de algumas propostas iniciais, como por exemplo o tecto inclinado no interior do espaço de culto.

O programa do complexo, que associava ao novo espaço de culto as sacristias, a capela ferial, o cartório e sala de catequese; espelha bem o entusiasmo com estava a ser vivida a renovação religiosa naquela década, de um modo especial, no interior do País. Os desenhos de estudo, compilados parcialmente nesta edição, são reveladores das pesquisas formais de Pires Branco em busca de uma arquitectura moderna em consonância com as correntes de renovação da arte religiosa e pelo crescente gosto pela construção tradicional, vejam-se os primeiros esboços que apontam para “arquitecturas futuristas” onde a igreja é entendida como uma grande tenda, e o tratamento das superfícies de alvenaria de pedra aparente, remetendo para o mundo popular.

Da organização interior, destacamos a ampla nave de forma trapezoidal convergente sobre o centro de toda a composição – o altar – cuja base integra azulejos hispano árabes provenientes da antiga igreja. A importância e centralidade do altar foi reforçada pelo tratamento do plástico da parede do presbitério, em pedra aparente e fortemente iluminada pelo lanternim. Este espaço inundado de luz contrasta com a penumbra das naves laterais, pontualmente iluminadas pelos vitrais executados segundo a técnica “dalle verre”, tão em voga naquele período. Aliando o betão e pedaços de vidro colorido, o Soares Branco, criou um conjunto diversificado de vitrais temáticos; tal como fizeram Manessier, F. Leger e Matisse noutras obras de referência internacional vastamente divulgadas naquele período. Foi também o artista Soares Branco, que idealizou o Cristo Ressuscitado que pontua o presbitério e o painel pré-fa-

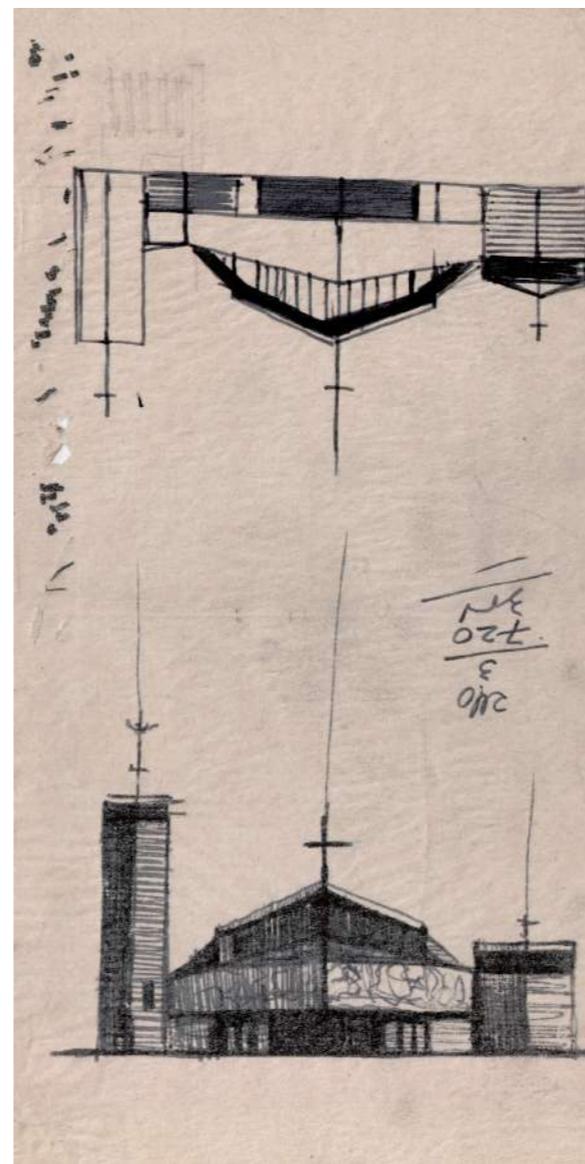
bricado da fachada principal, com 25 metros de comprimento. Colocado sobre a entrada do edifício, o painel policromado introduz cor e perpetua a história daquele lugar, conforme explicou o autor ao jornal “Reconquista” (17.10.1970):

“O grande baixo-relevo da fachada procura vincular alguns objectos de culto da antiga igreja à nova, simbolizando como que uma procissão em que se promovia o seu transporte. Assim, são representados o Padre com a cruz alçada, não qualquer, mas essa bela e veneranda cruz processional que deve remontar ao séc. XVI ou XVII, o pendão das almas que através dos tempos tem acompanhado as gentes desta terra na sua última viagem neste mundo, presidindo as orações fúnebres, os lampadários e as imagens principais da velha igreja, que mercê de uma visão esclarecida foram restauradas, e continuarão presentes na nova. ”

Ao trabalho de Soares Branco, há que juntar os esmaltes da artista Sarafana no batistério e o trabalho de restauro do mestre pintor Ernari de Oliveira. Contudo, a unidade do projecto foi conseguida graças a um trabalho articulado entre o arquitecto e os demais artistas, procurando conciliar a memória e a novidade. Saibamos nós perpetuar, respeitar a memória deste projecto: uma igreja moderna!

João Luís Marques

Igreja Matriz do Estreito



Título

José Pires Branco
Igreja Matriz do Estreito 1964-1970

Autores

Pedro Novo
Paulo Fortunato

Editores

Pedro Novo Arquitectos

Textos por

Pedro Novo
Jérôme Crozy
João Luís Marques

Fotografias

Alexandre Azevedo
Pedro Novo

Design gráfico

Francesco Marigliano

1ª edição

Novembro 2019

Tiragem

Edição limitada de
100 exemplares

ISBN

978-989-20-9808-1

Depósito legal

460419/19

© todos os direitos reservados